



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 14, v. 1 nov.2020-abr.2021

p. 105-123.

Cristianismo gay: a Teologia Queer e seus reflexos na práxis da Comunidade Cristã Inclusiva do Salvador (Cocis)

*(Gay Christianity: Queer Theology and its reflections on the praxis of the Inclusive
Christian Community of Salvador (Cocis))*

*(Cristianismo gay: Teología queer y sus reflexiones sobre la praxis de la Comunidad
Cristiana Inclusiva de Salvador (Cocis))*

Luciano Santos Santana¹

RESUMO: A sexualidade humana foi e continua sendo objeto de grandes embates e disputas teológicas no campo do cristianismo, principalmente as sexualidades consideradas ‘desviantes’. Enquanto as estruturas da teologia cristã tradicional, seja por um conjunto de práticas ou pelo seu discurso, excluem os dissidentes sexuais e de gênero ou se esforçam em adequá-los àquilo que foi definido como padrão, ou seja, a cisheteronormatividade, a Teologia Queer, colocada à margem da teologia tradicional, busca reconhecer as identidades LGBTQI+, viabilizando para as minorias sexuais um espaço de expressão de suas identidades e de exercício de suas espiritualidades. Este artigo tem como objetivo apresentar uma abordagem da Teologia Queer a partir da experiência comunitária da Comunidade Cristã Inclusiva do Salvador (Cocis), que, além de incluir minorias sexuais no seu espaço de celebração, desenvolve a proposta de uma espiritualidade libertadora.

PALAVRAS-CHAVE: Teologia Queer. Cristianismo. LGBTQI+.

Abstract: Human sexuality has been and continues to be the subject of great clashes and theological disputes in the field of Christianity, mainly, sexualities that are considered “deviants”. While the structures of traditional Christian theology, either by a set of practices or by their discourse, exclude sexual and gender dissidents or strive to adapt them to what was defined as the standard, that is, cisheteronormativity, Queer Theology, on the margin of traditional theology, seeks to recognize LGBTQI+ identities, enabling sexual minorities to express their identities and exercise their spirituality. This article thus presents an approach to Queer Theology from the community experience of the Inclusive Christian Community of Salvador (COCIS), which develops, in addition to the inclusion of sexual minorities in its space for celebration, the proposal of a liberating spirituality.

Keywords: Queer Theology. Christianity. LGBTQI+.

Resumen: La sexualidad humana sigue siendo objeto de grandes choques disputas teológicas en el campo del cristianismo, principalmente las sexualidades que se consideran “desviadas”. Mientras que las estructuras de la teología cristiana tradicional, ya sea por un conjunto de prácticas o su discurso, excluyen a los disidentes sexuales y de género o se esfuerzan por adaptarlos a lo que se definió como el estándar, es decir, la cisheteronormatividad,

¹ Teólogo, mestrando pelo Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (UFBA) e integrante do grupo de pesquisa: Cultura, Política Lógicas Identitárias e Produtivas (UFBA). E-mail: prlucianosantana@hotmail.com.



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 01/06/20

Aceito em 02/10/20

la Teología Queer, situada al margen de la teología tradicional, busca reconocer las identidades LGBTQI+, permitiendo que las minorías sexuales expresen sus identidades y ejerciten sus espiritualidades. Este artículo tiene como objetivo presentar un acercamiento a la Teología Queer desde la experiencia comunitaria de la Comunidad Cristiana Inclusiva de Salvador (Cocis), que desarrolla, además de incluir las minorías sexuales en su espacio de celebración, la propuesta de una espiritualidad liberadora.

Palabras clave: Teología Queer. Cristianismo. LGBTQI+.



1. Introdução

Quando questões envolvendo sexualidade e religiosidade na perspectiva do cristianismo são discutidas dentro e fora dos espaços religiosos, normalmente se faz referência às denominações evangélicas que, fundamentadas na sua estrutura discursiva e na adoção de um conjunto de práticas pelas lideranças pastorais, rejeitam, desqualificam e invisibilizam toda e qualquer manifestação da diversidade sexual e de gênero, sob o argumento de que outra expressão de sexualidade, que não a heterossexual, é antinatural e fere os valores morais cristãos.

Uma das razões da caracterização, no imaginário social, do segmento evangélico como um movimento religioso evidentemente homofóbico é a interferência de alguns grupos cristãos que se identificam como guardiões da moral e defensores da heteronormatividade, de modo que ultrapassam as estruturas religiosas e atingem outros campos da esfera pública, gerando um clima de pânico moral².

Em alguns casos, a rejeição das minorias sexuais pela ala conservadora do cristianismo ocorre de forma direta e agressiva, marcada por um discurso condenatório e ameaçador; em outras situações, a rejeição se manifesta de forma mais velada, que aparenta uma ‘aceitação’ e um ‘acolhimento’ dos sujeitos LGBTQI+ nos espaços religiosos, mas tem a intenção de impedir e antagonizar práticas consideradas impróprias e indesejáveis. (NATIVIDADE; OLIVEIRA, 2009) Geralmente, essa suposta ‘acolhida’ é justificada pela expressão “Deus ama o pecador, mas odeia o pecado”, muito citada nos círculos evangélicos. Em ambas as situações de *performances* discursivas, ou seja, das mais agressivas às mais ‘cordiais’, é perceptível a intenção de convencer a pessoa a deixar o ‘pecado’ da homossexualidade, condição *sine qua non* para que ela seja agregada à comunidade de fé e tenha a garantia da sua ‘salvação’.

A reafirmação da heterossexualidade como única e legítima identidade sexual pelos grupos evangélicos ortodoxos reforça a crença na impossibilidade de os sujeitos dissidentes professarem a fé cristã, como se a sexualidade fosse fator determinante do *religare* desses indivíduos com o sagrado. O esforço empreendido por algumas lideranças pastorais em relação à

² O pânico moral consiste em um conjunto de reações provocadas pelas estruturas discursivas religiosas na esfera pública com a finalidade de estigmatizar as minorias sexuais, taxando os indivíduos LGBTQI+ de destruidores da ‘família tradicional’, da moral e da sociedade, e responsabilizando-os pela disseminação de doenças, como a aids, e por práticas criminosas, como a pedofilia. (NATIVIDADE, 2013) A fabricação do pânico moral configura-se como resposta dos grupos cristãos fundamentalistas à visibilização e legitimação dos direitos dos dissidentes sexuais, na tentativa de deturpar as reivindicações e as pautas do movimento LGBTQI+.



diversidade sexual tem como objetivo não reconhecer os direitos das minorias sexuais e reforçar a assimetria entre a homossexualidade, a bissexualidade, a travestilidade e a transgêneridade, de um lado, e as estruturas dogmáticas da maioria das religiões evangélicas, de outro, o que resulta na validação das formas de sujeição e de exclusão dos LGBTQI+ nesses espaços. (NATIVIDADE, 2013)

Natividade (2013) ainda destaca que as relações entre sexualidade e religiosidade são marcadas por complexidades, pois novos sujeitos de direitos (minorias sexuais) têm surgido na esfera pública de forma mais visível, o que provoca uma nova dinâmica social a partir das discussões em torno das pautas e reivindicações desses sujeitos, fazendo com que as instituições religiosas repensem seus valores, posicionamentos e atitudes. Entretanto, percebe-se a resistência do cristianismo hegemônico aos direitos dessas minorias, principalmente quanto ao direito de professar a fé cristã sem negociar a sua liberdade e seu direito de ser.

É importante observar que a recusa de algumas denominações cristãs em relação aos direitos LGBTQI+ ocorre de forma interna e externa, ou seja, reflete-se dentro e fora do âmbito religioso. Externamente, é possível identificar situações de negação e de resistência fomentadas por algumas representações evangélicas nos veículos de comunicação, como a do pastor Silas Malafaia (2011), através do seu programa de televisão Vitória em Cristo (RedeTV), que mobilizou e convocou as lideranças pastorais e os cristãos de todo o país para se unirem contra o Projeto de Lei (PL) nº 122/2006, tratado pelo então líder evangélico como ‘mordaza gay’. Percebe-se na fala do pastor uma interpretação distorcida de alguns trechos do referido PL, quando ele afirma que se trata de um projeto para destruir a família, liberar a pedofilia e conceder privilégios ao movimento LGBTQI+, o que, no seu entendimento, é uma afronta à Constituição.

A intensa mobilização dos grupos conservadores cristãos nos últimos anos para desqualificar a homossexualidade, considerando-a um desvio de comportamento e ‘pecado’ contra Deus, se dá a partir da ascensão e da promoção da diversidade sexual e de gênero através de debates, estudos, produções científicas e movimentos de militância pró-LGBTQI+. Além do argumento bíblico-teológico, caracterizado por uma hermenêutica literalista dos textos da Bíblia, há um argumento biológico (o binarismo) utilizado nos discursos religiosos para ratificar a heterossexualidade como um princípio estabelecido por Deus para as relações sexuais e afetivas. Desta forma, os pressupostos defendidos pela maioria das denominações cristãs demonstram



resistência a uma reflexão social, histórica, cultural e política sobre a sexualidade e a imposição do binarismo entre homem e mulher, macho e fêmea, masculino e feminino. (CAVALCANTI, 2017)

Se, por um lado, o cristianismo hegemônico construiu ao longo da história uma teologia e estereótipos para desqualificar as minorias sexuais e desagregar esses sujeitos das suas estruturas, por outro, podemos identificar a presença das igrejas inclusivas, que viabilizam um espaço para os dissidentes da cis-heteronormatividade para que possam exercer a sua espiritualidade e expressar suas identidades, um espaço em que eles e elas se identifiquem com a cruz e o arco-íris.

A Teologia Latino-Americana da Libertação, movimento iniciado nos anos de 1960, teve o pobre, preferencialmente, como sujeito de sua reflexão teológica, em um contexto de profunda miséria e descaso social. A proposta da Teologia da Libertação influenciou outros atores e grupos sociais colocados à margem das estruturas teológicas e eclesiais hegemônicas e centrais, contribuindo para o desenvolvimento dessa teologia para além da figura do pobre, de modo a servir de base epistemológica para reflexões teológicas que envolviam as subjetividades de outros sujeitos. Dentre essas produções, podemos destacar as Teologias Feminista, Negra, Gay/Homossexual, Indígena, Africana, Asiática etc.

Os desdobramentos da Teologia da Libertação podem ser compreendidos como desenvolvimento da sua epistemologia, ao refletir sobre outros sujeitos a partir de suas realidades e vivências, marcadas por situações de exclusão, violência, negação de direitos, deslegitimação de seus marcadores identitários, subalternização e não reconhecimento do seu *religare* que são praticadas pelo cristianismo hegemônico, cuja postura, ao longo dos séculos, tem sido definida pelo racismo, pela misoginia e pela homofobia. Musskopf e Ester (2020) pontuam que a emergência do conceito de colonialidade/decolonialidade e o diálogo dos estudos decoloniais com os pós-coloniais representaram um instrumento de articulação das questões pendentes da Teologia da Libertação. Cabe ressaltar que essa teologia representou não apenas um movimento teológico e eclesial com a finalidade de promover uma série de reflexões sobre a condição do pobre e a injustiça social por ele experimentada culminando na mobilização de pastorais pelas comunidades, mas representou também a não dependência da teologia central (europeia e norte-americana). A Teologia da Libertação representa a autonomia latino-americana para produzir sua própria teologia.



A Teologia Queer não se propõe somente a sistematizar ou legitimar a homossexualidade na perspectiva bíblico-teológica, mas também a provocar uma compreensão do sagrado através da linguagem ‘queerizada’, que rompe com qualquer forma de fixismo, fechamento, acabamento. Por ampliar seu debate sobre as sexualidades dissidentes no contexto do cristianismo, a Teologia Queer, por um lado, assume uma postura crítica ao desconstruir as normativas sexuais impostas pelo conservadorismo e, por outro, faz essa mesma crítica à Teologia Gay, reproduzida por algumas comunidades inclusivas a partir de normatizações de comportamento e *performances* fixistas. Por esta razão, a Teologia Queer é adjetivada como “teologia indecente”. A ‘queerização’ teológica e o seu indecentamento consolidam a sua natureza inacabada, plural, subversiva, sempre em construção, que desnuda, diante dos binarismos, dicotomias e normativas em relação às *performances* sexuais e de gênero – normativas essas concebidas a partir do que Colling (2013) denomina de “paradigma da igualdade”. Ou seja, no campo da sexualidade, fica evidente o quanto somos diferentes e que esse paradigma da igualdade, além de ser um discurso estratégico frágil, é uma tentativa de enquadrar os dissidentes sexuais e de gênero na nomenclatura LGBTQI+.

A partir dessas considerações iniciais, destaco que a Teologia Queer tem como elemento fundamental a abertura ao ‘diferente’, ao ‘estranho’, ao ‘esquisito’, como o próprio termo sugere, para aqueles e aquelas que ‘transgridem’ os padrões da sexualidade impostos no e pelo discurso cristão fundamentalista, e que podem ser identificados também em algumas igrejas inclusivas – o que representaria um neoconservadorismo. Este artigo tem como objetivo apresentar a abordagem de uma teologia ‘transgressora’ conhecida como Teologia Queer a partir da experiência da Comunidade Cristã Inclusiva do Salvador (Cocis).

2. Teologia Queer: uma nova forma de pensar o cristianismo

As comunidades ou igrejas inclusivas têm como fundamento uma teologia cujo processo de leitura e releitura da Bíblia é feito a partir do método hermenêutico³ e exegético⁴ denominado histórico-crítico. Esse método busca identificar diversos elementos (sociais, culturais, antropológicos, teológicos, políticos, linguísticos etc.) que contribuam para a compreensão das narrativas bíblicas, especialmente aquelas que sugerem o repúdio à homossexualidade. A partir

³ A expressão “hermenêutica” deriva do nome Hermes, o deus-mensageiro da mitologia grega que, além de enviar aos humanos as mensagens dos deuses, as interpretava. Por esta razão, entende-se o processo hermenêutico como um processo de interpretação.

⁴ “Exegese” significa apresentar, descrever, narrar, explicar e interpretar. Conforme Wegner (1998), no processo de interpretação bíblica faz-se, primeiramente, a exegese (explicação), seguida da hermenêutica (interpretação).



do levantamento desses elementos, tais narrativas, esclarecidas pelo método histórico-crítico, são ressignificadas e atualizadas para o contexto atual, considerando o enraizamento histórico da moral na tradição bíblica, e não uma moral fixista reforçada pelo dogmatismo teológico.

O método histórico-crítico trouxe uma contribuição muito relevante para o desenvolvimento e a sistematização da Teologia Inclusiva, conhecida também como Teologia Gay ou Teologia Homossexual. Atualmente já se discute a Teologia Queer, que amplia a inclusão de outras dissidências sexuais – não somente homossexuais (gays e lésbicas) e bissexuais cisgêneros, mas também travestis, transgêneros, não binários e outras identidades – nos espaços religiosos, nas liturgias e no exercício das funções eclesiais e pastorais.

As identidades queer se configuram de forma prática e teórica, pois a própria teoria queer é definida como “um conjunto de produções teóricas e de práticas de ativismo voltado para a contestação e a desconstrução de normas sociosexuais”. (REA; AMANCIO, 2018, p. 3) Sendo assim, segundo as autoras, o movimento queer baseia-se na politização das identidades sexuais dissidentes e defende que a identidade é fundamental para definir reivindicações que pautam ações políticas. Em suma, “a identidade queer afirma-se enquanto oposição à norma estabelecida e dominante”. (REA; AMANCIO, 2018, p. 4)

A afirmação das identidades como uma ação política também é discutida por Rancière (1996). Segundo *o autor, a política, além de* configurar-se como uma esfera de conflitos e antagonismos, pode representar um espaço de afirmação e resistência. Ao pontuar a natureza litigiosa da política, ele afirma: “As estruturas de desentendimento são aquelas em que a discussão de um argumento remete ao litígio acerca do objeto da discussão e sobre a condição daqueles que o constituem como objeto”. (RANCIÈRE, 1996, p. 13)

Considerando os conceitos discutidos por Rancière sobre a natureza litigiosa da política, as igrejas inclusivas traduzem-se em ações políticas que dão vozes aos sem voz. Assim, a Teologia Queer entra nessa disputa ao legitimar as identidades sexuais dissidentes, ultrapassando as normas da heteronormatividade, pois a política é definida como “uma atividade que tem por princípio a igualdade” (RANCIÈRE, 1996, p. 11) – uma igualdade que se torna possível mediante ações litigiosas, ou seja, através das reivindicações dos sujeitos LGBTQI+ em relação aos seus direitos de crer e ser.



Cavalcanti (2017) apresenta alguns aspectos centrais da Teologia Queer. A autora ressalta que o movimento queer pode ser compreendido como um conjunto de ações e *performances* que expressam a recusa dos corpos dissidentes a serem subalternizados nas esferas social e política.

O primeiro aspecto trata de uma nova postura cristã para a diversidade sexual e de gênero, ou seja, uma postura que não somente inclua os sujeitos LGBTQI+ nas estruturas religiosas, mas também promova um repensar teológico que reconheça como viáveis e legítimas as demais formas da sexualidade humana.

Se a heterossexualidade revela-se como uma produção ideológica e histórica construída culturalmente, a teologia, como parte da história cultural cristã ocidental, tem o dever de enfrentar as suas significações, percorrer e reler o caminho da sexualidade humana construído por ela. (CAVALCANTI, 2017, p. 740)

O processo de construção dessa nova identidade religiosa se caracterizou pela desconstrução da normativa sexual e pelo enfrentamento da Teologia Gay para pautar essa temática nas mesas de discussões teológicas. (MUSSKOPF, 2005) Por conta de sua marginalização, suas produções, reflexões e epistemologias, que eram e são provocativas, ficaram escondidas no ‘armário’, sendo desenvolvidas a meia-luz.

O armário, além de marcar a vida pessoal e particular de muitos homens e mulheres que não se identificam com o padrão heterossexual, serve, também, como paradigma para o fazer teológico sob esta perspectiva. Para chegar à mesa das discussões teológicas, é preciso ‘sair do armário’ e correr os riscos pessoais, comunitários e sociais que isso implica. É preciso a coragem e ousadia de, sempre de novo, abrir as portas do armário, assumir-se e enfrentar os discursos que causam a marginalização. A teologia gay se localiza, ainda hoje, no espaço entre o escuro do armário e as brechas de luz. É deste lugar que reflete sobre sua fé e, por causa dela, ameaça romper com as portas e exigir sua cidadania teológica e religiosa. (MUSSKOPF, 2005, p. 2)

A Teologia Gay, Inclusiva ou Queer tem como referência um movimento teológico que se desenvolveu nos anos de 1960, na América Latina, conhecido como Teologia da Libertação⁵, conforme mencionado na introdução deste artigo. Esse movimento surgiu de uma realidade marcada pela opressão, injustiça e desigualdade social. Além da Teologia Gay, a Teologia Negra

⁵ A Teologia da Libertação surgiu como resposta, acompanhada por um sentimento de indignação ética, à contradição entre o discurso e a prática cristã diante da extrema desigualdade e das injustiças sociais. Para essa teologia, as injustiças e a opressão violam a essência da mensagem cristã. Ela despertou a sensibilidade das comunidades de fé para a realidade do oprimido (pobre) e, por esta razão, foi um movimento teológico e eclesial, ou seja, teórico e prático.



e a Teologia Feminista fundamentaram suas sistematizações e práxis na perspectiva da Teologia da Libertação, a partir das subjetividades, experiências e vivências dos seus sujeitos (abarcando sexualidade, raça e gênero). Entretanto, sendo a libertação das estruturas dominantes e opressoras o elemento em comum dessas teologias, a abordagem teológica gay, comparada com a perspectiva negra ou feminista, é considerada incipiente e invisível, mesmo com o surgimento da primeira comunidade cristã voltada para o público LGBTQI+ no final dos anos 1960, em solo norte-americano. Segundo Musskopf (2005), a invisibilidade das produções e discussões teológicas é justificada pela concepção da imoralidade da homossexualidade. O autor ressalta que o pouco que se tem desenvolvido sobre a Teologia Gay é resultado dos estudos da antropologia e da sociologia, que se interessam em analisar o fenômeno das igrejas inclusivas e em compreender a relação entre as experiências homossexual e religiosa dos sujeitos LGBTQI+, e não na própria ciência teológica.

O segundo aspecto da Teologia Queer é que se trata de um rompimento de toda estrutura legislativa religiosa que define um padrão para a sexualidade, segundo Cavalcanti (2017). Para a autora, esse rompimento se dá no confronto da teologia tradicional com os sujeitos LGBTQI+ na pauta do cristianismo. No campo da sexualidade, entende-se como Teologia Queer a rejeição da ideologia judaico-cristã que fixa a identidade sexual e o gênero. Portanto, o rompimento da Teologia Queer com a ortodoxia cristã evangélica tem como base uma perspectiva desconstrutiva das formas hegemônicas de sexualidade. Como consequência da fixação normativa sexual, muitos LGBTQI+ rompem com as suas congregações de origem e se vinculam a grupos cristãos caracterizados pela inclusão das minorias sexuais, como a (Cocis), cuja membresia é composta por dissidentes sexuais que romperam com as suas comunidades religiosas tradicionais.

É inegável a natureza reguladora da maioria expressiva das igrejas evangélicas, principalmente, no tocante à homoafetividade e às expressões e identidades de gênero. Enquanto estrutura reguladora dos comportamentos dos indivíduos, a religião assume um papel de ‘polícia’, que pode ser definido como “uma ordem dos corpos que define as divisões entre os modos do fazer, os modos de ser e os modos do dizer, que faz que tais corpos sejam designados por seu nome para tal lugar e tal tarefa”. (RANCIÈRE, 1996, p. 42) Assim sendo, de acordo com os conceitos apresentados por Rancière, podemos compreender a religião como uma estrutura política e policial.



Perante a natureza policial do sistema religioso, que se define através de discursos e de um conjunto de práticas pastorais, a Teologia Queer propõe uma ruptura com a legislatura religiosa que agride e viola a dignidade dos sujeitos LGBTQI+ ao impor a cisnorma e a heteronorma como identidades sexuais que os tornaria legitimamente reconhecíveis. Essa proposta teológica queer

sugere a necessidade de institucionalizar valores que vão de encontro àqueles usados anteriormente como dispositivo de exclusão do indivíduo que é crente e homossexual. Assim, a partir desta teologia, entende-se a pessoa homossexual como sujeito afetivo criado e amado por Deus, e ao mesmo tempo, injustiçado e oprimido mas com condições de superação através da conscientização, reflexão e ação. Assim, há uma desvitimização dos membros destas igrejas, dado que, graças a esta aceitação por parte de Deus têm condições teológicas de fazer valer seus interesses e anseios religiosos. A desvitimização das pessoas participantes concorda com a construção de vidas que procuram superar uma série de preconceitos e experiências de intolerância vividas no passado e no presente. (MARANHÃO FILHO, 2016, p. 155)

Um dos incômodos para os grupos evangélicos conservadores em relação à proposta teológica queer e à existência das igrejas inclusivas se justifica pelo fato de que a teologia tradicional, conforme Cavalcanti (2017, p. 740), “não está acostumada a lidar com um sujeito instável, ao contrário, comporta-se como uma ciência jurídica, onde as exceções não são viáveis”. Por esta razão, segundo a autora, a teologia tradicional, de forma isolada, seria incapaz de compreender a diversidade sexual, inserir na pauta do cristianismo conservador a complexidade da sexualidade humana e confrontar as premissas da heteronormatividade.

O restabelecimento do equilíbrio do sujeito dissidente é outro aspecto destacado por Cavalcanti (2017, p. 741), que considera o seguinte:

A teologia queer visa não só uma conceitualização da sexualidade sob a perspectiva religiosa, retirando-lhe o caráter maligno, mas também, recolocar o gênero num espaço de indefinição, o que só pode ser feito se a masculinidade de Deus for revista. Não só para isso, mas redefinir o gênero de Deus é uma forma também de questionar o predomínio do androcentrismo e as metáforas patriarcais sobre todos os modos de vida, herdado da história da religião cristã.

Na experiência litúrgica da Cocis, é possível identificar a desconstrução que Cavalcanti menciona em relação à masculinidade do Deus cristão. Essa compreensão é expressa por sua membresia ao referenciar o divino no masculino e no feminino, ao utilizar expressões como “Pai



Nosso” e “Mãe Nossa”, e ao entender que a concepção prevalente do gênero masculino de Deus é uma construção histórica e patriarcal, herança da tradição judaico-cristã.

Para entendermos esse processo de restabelecimento do equilíbrio dos LGBTQI+ de confissão religiosa evangélica, precisamos considerar que muitos desses sujeitos, ao se aproximarem das comunidades cristãs e da própria teologia que desenvolve sua reflexão a partir das experiências de dissidentes sexuais, chegam a esses espaços de inclusão com dúvidas, desconfianças, incertezas, feridos e convencidos de que são a vergonha da família e da sociedade. Como consequência desse desequilíbrio, alguns tentam viver a sua sexualidade nos ‘armários’ eclesiais, pois entendem que dentro das igrejas alcançarão a heterossexualidade, mediante participação nos cultos, prática constante de oração, jejuns, campanhas e vigílias.

As experiências dos LGBTQI+ se definem como um lugar, uma fonte do fazer teológico queer, pois são marcadas pela negação de seus corpos, pelo silenciamento de suas vozes e pela invisibilização das suas identidades por parte dos grupos que representam a cultura evangélica dominante. Desta forma, a Teologia Queer é uma teologia da subcultura, uma teologia da margem e que questiona o padrão. Por esta e outras razões que foram apresentadas até aqui, a Teologia Queer/Gay/Homossexual é, ao mesmo tempo, uma teologia específica e comum. (MUSSKOPF, 2005) Específica para os LGBTQI+ que experimentam e vivenciam situações diferentes das que são vividas pelos heterossexuais; e comum pois pessoas de diferentes contextos têm experiências semelhantes, sofrem os mesmos preconceitos e passam pelos mesmos conflitos, tensões e angústias. As comunidades inclusivas proporcionam um espaço em que essas pessoas se apoiam e se ajudam mutuamente na troca das suas experiências e vivências.

O último aspecto da Teologia Queer que Cavalcanti (2017) destaca é que ela desmascara as ideologias sexuais presentes na teologia tradicional, que fomentam disputas de poder e criam impedimentos à realização plena da religiosidade e da sexualidade. Neste sentido, a Teologia Queer, segundo a autora, funciona como método conciliatório entre religiosidades, espiritualidades e sexualidades, ou seja, há convergência entre as identidades de gênero/sexuais e a cristã. O direito de ser e de crer do sujeito LGBTQI+ pode e deve ser plenamente exercido, sem negociação.

Desmascarar as ideologias sexuais reafirmadas pela teologia tradicional é confrontar as interpretações literalistas que as fundamentam sem nenhum tipo de investigação exegética e hermenêutica, conforme abordado no início deste artigo, dos textos bíblicos que rejeitam as práticas homoeróticas. Um dos textos clássicos nos quais o tradicionalismo teológico se



fundamenta para justificar a rejeição da homossexualidade é o de Levítico 18:22. Nessa mesma passagem há uma recomendação para que o marido não se deite ou não tenha relação sexual com a sua esposa caso ela esteja menstruada (Levítico 18:19). É interessante observar que, apesar disso, a teologia tradicional não faz nenhum tipo de interferência nem pune o casal em que o marido tenha deitado ou tido relação sexual com sua mulher nessa situação. Logo, podemos observar duas posturas distintas dos grupos evangélicos que se definem como conservadores: uma que pune os homens que se deitam com outros homens; e outra que não pune os maridos que se deitam com suas mulheres menstruadas.

Quanto à relação entre a hermenêutica fundamentada no método histórico-crítico e a teologia gay, Maranhão Filho (2016, p. 155) afirma:

Grande parte destes preconceitos é reforçada pela interpretação de versos e trechos da Bíblia, e esta proposta teológica tem como cerne relativizá-los e contextualizá-los a partir de uma hermenêutica fundamentada no método histórico-crítico, com o objetivo de auxiliar as pessoas a desconstruírem preconceitos (muitas vezes internalizados) e conscientizá-las acerca da urgência na aceitação do próximo com suas diferenças. A teologia gay e a teologia lésbica procuram partir das histórias vividas pelas pessoas homossexuais como forma de devolver-lhes a palavra e responder aos seus desejos e inquietações. Escutando e narrando estas histórias, o indivíduo vai percebendo e elaborando a sua trajetória, compreendendo melhor sua identidade, questionando o saber convencional, fomentando novas formas de pensar e agir e apontando para a tolerância. É assim que a experiência homossexual é fundante para esta teologia: esta vivência proporciona um olhar interpretativo diferenciado sobre as Escrituras, sugerindo uma hermenêutica que liberte não somente quem é homossexual, mas todas as pessoas, dado que os textos são iluminados de novas maneiras.

A Teologia Queer representa um novo olhar do cristianismo para a sexualidade não heterossexual; um olhar direcionado para aqueles e aquelas que, silenciosamente, constroem suas identidades em um cenário religioso marcado por preconceito, discriminação e rejeição; um olhar direcionado para aqueles e aquelas cujos corpos são subalternizados, invisibilizados e estereotipados por uma teologia tradicional e cristalizada que também silencia quem detém esses corpos, relegando os sujeitos LGBTQI+ cristãos ao lugar do não dito. (MUSSKPOF, 2005)

Após apresentar neste tópico os aspectos da Teologia Queer, podemos defini-la como um movimento, um repensar teológico que se propõe a transformar o não direito no direito dos LGBTQI+ a ser e crer, garantindo-lhes o não distanciamento entre as identidades



sexuais/corporais e a experiência desses sujeitos com o sagrado. É nesse fundamento teológico que são desenvolvidas as celebrações da Cocis.

3. A Teologia Queer na práxis comunitária da Cocis

Esta seção foi desenvolvida a partir de um conjunto de evidências e experiências da minha práxis pastoral na Cocis e da aproximação com movimentos, coletivos e instituições que têm como pauta a militância pelos direitos LGBTQI+ e o enfrentamento da LGBTfobia.

A Cocis iniciou suas atividades no ano de 2015, em Salvador (BA), com cinco membros e o desejo de promover a inclusão cristã de homens e mulheres, especialmente de pessoas LGBTQI+ excluídas de suas igrejas por conta de suas identidades sexuais. Inicialmente as reuniões aconteciam na casa dos membros, semanalmente, para estudo da Bíblia, oração e partilha das experiências e vivências, como forma de fortalecimento mútuo para enfrentar o preconceito e a discriminação. Esse período dos encontros em casas durou até meados de 2017, quando a comunidade entendeu que os encontros domiciliares dificultavam o acesso de outras pessoas que desejavam conhecê-la. Diante da necessidade de ampliar sua visibilidade e o acesso das pessoas, as celebrações passaram a ser realizadas em uma das dependências da Confraternização Espírita Baiana, localizada na região central de Salvador.

Reunir-se nas dependências de um espaço espírita representou para a Cocis um local fixo para as suas celebrações e, portanto, facilitava o acesso de outras pessoas que desejavam conhecer a comunidade. Concomitantemente, representou o início do processo de conscientização da membresia em relação à liberdade religiosa de cada indivíduo e ao diálogo inter-religioso, elementos evidentes no discurso da Cocis e na sua práxis eclesiástica. Nos últimos dois anos, a comunidade tem inserido no seu calendário litúrgico a realização da celebração inter-religiosa alusiva ao Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, celebrado, desde 2007, em 21 de janeiro.

Os encontros da Cocis na Confraternização Espírita da Bahia duraram aproximadamente seis meses. Os poucos recursos financeiros destinados para a manutenção do local de reunião forçaram a Comunidade a pensar em outro espaço para o desenvolvimento de suas atividades e projetos. Nesse intervalo, foi feito contato com o pastor Joel Zeferino, da Igreja Batista Nazareth (IBN), que tivera conhecimento da existência da Cocis por ocasião do primeiro culto de batismo da comunidade, realizado no templo dessa Igreja. Após conversa com o pastor Joel Zeferino e



aprovação da IBN, em maio de 2018 as celebrações da Cocis passaram a ser realizadas nesse templo, e no mesmo período a comunidade vinculou-se à Fraternidade Universal das Igrejas da Comunidade Metropolitana (FUICM) e à Associação das Igrejas da Comunidade Metropolitana do Brasil, tornando-se representante dessa denominação (ICM) na capital baiana. Atualmente, a comunidade conta com quinze pessoas, entre membros efetivos e frequentadores.

Sendo uma comunidade formada por pessoas LGBTQI+, a acolhida da Cocis pela IBN ocorreu de forma tranquila, sem nenhum tipo de resistência que impedisse a utilização do templo por um grupo de dissidentes sexuais. A IBN foi fundada em 14 de fevereiro de 1975 por um grupo de 27 jovens que foram forçados a sair da Igreja Batista Dois de Julho pois seus ideais de combater a injustiça, denunciar a corrupção, o desequilíbrio do sistema social e o autoritarismo religioso eram considerados ‘comunistas’ e ‘perniciosos’. Acolher a Cocis representa para a IBN uma postura coerente com seus ideais, que permanecem vivos após seus 45 anos de existência. O slogan “Igreja Batista Nazareth: Resistência, Luta e Fé” reflete a concepção de sua missão no mundo, especialmente na cidade de Salvador.

O pastor Joel Zeferino salienta que receber a Cocis expressa a reafirmação do compromisso da comunidade de Nazareth de ser um espaço não para si mesma, mas para servir de suporte a diversos movimentos sociais que coadunam com os mesmos propósitos da IBN (informação verbal)⁶. Para ele, a Cocis também reafirma os direitos das pessoas LGBTQI+, que historicamente foram silenciadas, negadas e demonizadas. Ambas as comunidades (Cocis e IBN) têm compromissos em comum, ou seja, reafirmam a garantia dos direitos humanos, da liberdade religiosa e da liberdade sexual.

A afiliação da Cocis à FUICM ocorreu no dia 25 de novembro de 2018, numa solenidade que contou com a presença do reverendo Cristiano Valério, coordenador de desenvolvimento das ICM do Brasil e pastor da ICM São Paulo, e do reverendo Igor Simões, pastor associado da ICM Fortaleza. As ICM são a maior denominação cristã voltada para a radical inclusão das minorias sexuais. A primeira delas surgiu em 6 de outubro de 1968, fundada pelo reverendo Troy Perry, em Los Angeles. A FUICM está presente em mais de 50 países, sendo caracterizada pelo discurso progressista e humanitário e por uma teologia afirmativa das sexualidades. No Brasil, a ICM está presente em São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Belo Horizonte (MG), Teresina (PI), Fortaleza (CE), Cabedelo (PB), Maringá (PR) e Vitória (ES), além de Salvador (como Cocis).

⁶ Joel Zeferino, informação obtida em uma conversa em maio de 2020.



A Cocis tem mantido vínculos com outras redes que militam pelos direitos humanos, pela liberdade do indivíduo e pela justiça social, como o Centro Ecumênico Baiano de Igrejas Cristãs (Cebic).

Diante do desafio de ser uma comunidade que abrace e acolha a diversidade sexual e de gênero sem restrição, discriminação e preconceito, e da necessidade dos membros de ampliar o conhecimento sobre essa teologia que os inclui, periodicamente são realizados estudos, de caráter bíblico-teológico, dos textos clássicos utilizados pela teologia tradicional para excluir, condenar e deslegitimar as identidades não heterossexuais. Além desses estudos, outras atividades, de caráter informativo, são promovidas em momentos não litúrgicos, como a primeira edição do Teologia em Diálogo (jantar teológico) em 2019, com exposição e debate do tema: “Sexualidade, religião e poder: a cultura do sexo do Império Romano no cristianismo primitivo e seus impactos no discurso religioso hoje”. O propósito desse projeto é promover o diálogo da teologia com outros campos do conhecimento.

A trajetória da Cocis tem sido uma construção constante, pois ela acredita, assim como as demais ICM, que cada pessoa está num processo de caminhada, de aprender a viver uma espiritualidade que afirma e reafirma o seu corpo, gênero e sexualidade. Tendo como referência a declaração de fé das ICM, a Cocis tem buscado desenvolver experiências comunitárias a partir de algumas concepções. Uma delas é que a sexualidade é um dom divino – portanto, a Teologia Queer transforma a concepção de uma sexualidade ‘transgressora’ em sexualidade sagrada.

Outro aspecto da concepção teológica da Cocis alinhado às crenças das ICM é o não distanciamento entre os corpos e a espiritualidade. Enquanto nas igrejas conservadoras a identidade cis-heteronormativa se configura como condição para o indivíduo LGBTQI+ tornar-se membro, sendo instruído a renunciar sua identidade e práticas sexuais consideradas antinaturais e a reconhecer a cis-heterossexualidade como única alternativa para o exercício da religiosidade, na práxis eclesial da Cocis as identidades sexuais e os corpos dissidentes não são definidos como motivo de distanciamento da prática da espiritualidade ou de afastamento das minorias sexuais da participação nas celebrações; pelo contrário, há uma participação frequente da membresia nas liturgias e nas funções eclesiais.

Considerando as histórias, trajetórias e experiências das pessoas que chegam à comunidade, muitas vezes marcadas por conflitos e por um sentimento de que estão aprisionadas dentro dos ‘armários’ existenciais e religiosos, propomos a prática de uma espiritualidade



libertadora, que não apenas inclui as minorias sexuais, mas que proporciona a desconstrução de certas ‘verdades’ e crenças impostas pelo tradicionalismo cristão conservador. Teologia Queer não significa somente incluir a pessoa LGBTQI+ nas celebrações e atividades da comunidade, mas também viabilizar a oportunidade de libertar-se do jugo do fundamentalismo, do medo do suposto inferno e da suposta condenação.

A espiritualidade libertadora é uma herança da Teologia Latino-Americana da Libertação, cujas sistematizações resultaram da releitura dos evangelhos numa perspectiva sociopolítica. Ao propor a libertação do sujeito das estruturas de opressão, a espiritualidade libertadora contribui para a libertação da mulher do patriarcalismo (Teologia Feminista), para a libertação do/da negro/negra da segregação racial (Teologia Negra), para a libertação dos LGBTQI+ da homofobia religiosa (Teologia Queer), bem como para a libertação de demais sujeitos e grupos sociais.

O exercício da espiritualidade libertadora é desenvolvido com base nos quatro valores assumidos pela Cocis e demais ICM, considerados fundamentais para a realização de suas atividades, ações e celebrações, que são: inclusão, comunidade, transformação espiritual e justiça social. Esses pilares reforçam o compromisso militante da Cocis com os direitos humanos. Nesse sentido do compromisso com a dignidade do ser humano, a valorização da vida e a liberdade do indivíduo, a Cocis tem inserido no seu calendário litúrgico algumas celebrações alusivas ao Dia da Visibilidade Trans, ao Dia Internacional da Mulher e ao Dia da Consciência Negra com o objetivo de refletir, coletivamente, sobre as vivências de outros sujeitos que também são silenciados por sistemas e estruturas LGBTfóbicos, patriarcais e racistas.

As ações e atividades da Cocis ultrapassam as estruturas físicas do seu local de culto e não se restringem aos encontros dominicais para as celebrações. Sua razão de ser não é apenas religiosa; ela reconhece e assume o seu papel social e militante. A participação da comunidade na Parada da Diversidade e nos eventos promovidos pelos coletivos Mães do Arco-Íris e Famílias pela Diversidade é exemplo dessas ações.

Dirce Novais, assistente social, ativista, integrante do coletivo Famílias pela Diversidade e mãe de lésbica, relata que em 2019, em uma roda de conversas promovida por esse coletivo em parceria com a Cocis, destacou que nos seus doze anos de militância presenciou muito sofrimento causado pelo preconceito e pela discriminação, de forma velada ou escancarada, testemunhando situações em que pessoas LGBTQI+ foram excluídas das relações de afeto, principalmente, as familiares. Conhecer a Cocis representou para ela a oportunidade de uma



parceria tanto para o Famílias pela Diversidade quanto para outros coletivos de apoio, assistência e acolhimento. Segundo a ativista, a comunidade não é só soma, mas também multiplicação na busca pela cidadania LGBTQI+ plena, pois a Cocis, além do seu acolhimento, dá protagonismo, escuta e lugar de fala para as pessoas que necessitam de apoio espiritual (informação verbal)⁷.

A Cocis está sempre em movimento dentro e fora do seu espaço de culto, marcando presença em algumas atividades sociais, culturais e políticas promovidas pelo movimento LGBTQI+, das quais se destacam: o concurso Miss Gay Cajazeiras (2019), com a participação de um de seus membros como jurado; a homenagem recebida em sessão especial na Câmara Municipal de Salvador pelo Dia do Orgulho LGBTQI+ e pelos 50 anos da Revolta de Stonewall (2019), presidida pelo vereador Marcos Mendes (Psol), reconhecendo o trabalho desenvolvido pela Cocis na militância pelos direitos igualitários de pessoas LGBTQI+; e a participação em audiência pública na Câmara Municipal de São Francisco do Conde (2019) para discutir ações de combate à homofobia.

Adailton Conceição, membro da comunidade, psicólogo, cientista social e professor universitário, considera que há vários espaços em que os sujeitos sociais são formados: escolas, universidades, família, instituições religiosas e grupos diversos. Em 2017, por ocasião do Dia do Psicólogo e da Psicóloga, promovido pela Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC), a liderança pastoral da comunidade foi convidada, pelo próprio Adailton Conceição, para falar aos estudantes sobre a inclusão proposta pela Cocis a partir de alguns fundamentos da Teologia Inclusiva, destacando as dores emocionais que são causadas pelo discurso do cristianismo hegemônico aos LGBTQI+. Para Adailton, a Cocis representa um espaço de acolhimento, formação e anúncio de uma nova sociedade (informação verbal)⁸.

Gabriel Teixeira, coordenador do Núcleo LGBTQI+ da Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social do Estado da Bahia, reconhece que a Cocis não se restringe ao papel de viabilizar um espaço para o exercício da religiosidade, mas tem uma função de acolhimento social de pessoas LGBTQI+, de ressignificar vínculos e o conceito de família. Para o coordenador, a comunidade é um lugar para aqueles e aquelas que vivem um sentimento de

⁷ Dirce Novais, informação obtida em uma conversa em maio de 2020.

⁸ Adailton Conceição, informação obtida em uma conversa em maio de 2020.



não lugar e, neste sentido, ela se torna um agente fortalecedor de ações políticas no enfrentamento da LGBTfobia (informação verbal)⁹.

Silas Barbosa, professor, membro da comunidade e Miss Retiro das ICM do Brasil em 2019, também testemunha que as ações da Cocis ultrapassam os momentos de celebração. Ele destaca o trabalho social que a comunidade desenvolve eventualmente com pessoas em situações vulneráveis, como na doação de roupas e distribuição de sopa (informação verbal)¹⁰. Como responsável pela organização das atividades de ação social, a Cocis está no processo de planejar uma ação solidária intitulada Campanha Delas, com o objetivo de atender mulheres em situação de rua com a entrega de kits de higiene pessoal.

Esses são alguns dos exemplos que refletem uma orientação eclesial prática, militante e ativista da Cocis, pautada naqueles quatro valores: inclusão, comunidade, transformação espiritual e justiça social. Os pressupostos da Teologia Queer têm contribuído para a comunidade na ampliação desses pressupostos para outros marcadores identitários que são estigmatizados, subalternizados, estereotipados e violentados por um sistema que impõe certas normativas, sejam de sexo, gênero, raça, classe, crença etc. Enfim, a Teologia Queer tem seu papel de positivar e sacralizar sujeitos e corpos marginalizados.

4. Considerações finais

A Cocis representa um cristianismo que caminha na contramão do fundamentalismo de algumas denominações cristãs em relação às minorias sexuais. Com uma hermenêutica histórica-crítica das Escrituras, propõe uma mensagem libertária ao afirmar que as identidades LGBTQI+ são tão sagradas quanto a heterossexualidade, viabilizando aos dissidentes sexuais um espaço acolhedor, marcado pela radical inclusão, de forma que cada pessoa, através de sua sexualidade, se conecta com o divino (*religare*) pela devoção, pela comunhão e pelo serviço.

A Teologia Queer, por meio das igrejas inclusivas, se configura como um olhar positivo do cristianismo para a diversidade sexual e de gênero, desconstruindo os estereótipos negativos com que o fundamentalismo teológico do segmento evangélico rotulou as pessoas LGBTQI+. O objetivo da Teologia Queer não é invisibilizar a heterossexualidade ou impor a homossexualidade como normativa sexual, mas promover uma reflexão, de forma desconstrutiva

⁹ Gabriel Teixeira, informação obtida em uma conversa em maio de 2020.

¹⁰ Silas Barbosa, informação obtida em uma conversa em maio de 2020.



e construtiva, que recuse a subalternização dos corpos dissidentes na estrutura normativa religiosa que legitima apenas um padrão de sexualidade, além de gerar uma espiritualidade libertadora, que conscientize o indivíduo LGBTQI+ da convergência das identidades religiosa e sexual.

É na prática coletiva da espiritualidade libertadora que a Cocis busca ser uma comunidade onde as pessoas possam se sentir incluídas, e não excluídas; curadas, e não feridas; encorajadas, e não desanimadas; libertas, e não aprisionadas – uma comunidade que reafirme as diferenças e um espaço aberto à pluralidade humana.

Referências

- CAVALCANTI, M. F. M. M. A Teologia Queer e o direito a Deus à fé e à crença: uma nova perspectiva do direito humano à orientação sexual e identidade de gênero. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO, 5., 2017, São Leopoldo. *Anais* [...]. São Leopoldo: EST, 2017. v. 5, p. 730-745. Disponível em: <https://bit.ly/2KKYUJN>. Acesso em: 2 maio 2020.
- COLLING, L. A igualdade não faz o meu gênero: em defesa das políticas das diferenças para o respeito à diversidade sexual e de gênero no Brasil. *Contemporânea*, São Carlos, v. 3, n. 2, p. 405-427, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/35KFvQS>. Acesso em: 8 out. 2020.
- MALAFAIA, S. *Silas Malafaia e PL 122/2006 – 30/04/2011*. Publicado pelo canal alcamsil. [S. l.: s. n.], 2011. 1 vídeo (19 min). Disponível em: <https://bit.ly/3fg6FCo>. Acesso em: 2 maio 2020.
- MARANHÃO FILHO, E. M. A. Teologia Queer e Cristrans: transições teológicas na Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM). *Mandrágora*, São Bernardo do Campo, v. 22, n. 2, p. 149-193, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/36Utw2y>. Acesso em: 2 maio 2020.
- MUSSKOPF, A. S. À meia luz: a emergência de uma teologia gay: seus dilemas e possibilidades. *Cadernos IHU Ideias*, São Leopoldo, ano 3, n. 32, p. 1-34, 2005. Disponível em: <https://bit.ly/3pGI8Lz>. Acesso em: 2 maio 2020.
- MUSSKOPF, A. S.; ESTER, A. Teologia Queer: o necessário indecentamento da teologia. *Revista Senso*, Belo Horizonte, n. 17, 15 jul. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2HhLYJV>. Acesso em: 8 out. 2020.
- NATIVIDADE, M. T. Homofobia religiosa e direitos LGBT: notas de pesquisa. *Latitude*, Maceió, v. 7, n. 1, p. 33-51, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/2UOfERL>. Acesso em: 29 abr. 2020.
- NATIVIDADE, M; OLIVEIRA, L. Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia(s) em discursos evangélicos conservadores. *Sexualidad, Salud y Sociedad: Revista Latinoamericana*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 121-161, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/2ULiAP2>. Acesso em: 29 abr. 2020.
- RANCIÈRE, J. *O desentendimento: política e filosófica*. Tradução de Ângela Leite Lopes. São Paulo: Editora 34, 1996.
- REA, C. A.; AMANCIO, I. M. S. Descolonizar a sexualidade: Teoria Queer of Colour e trânsitos para o Sul. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 53, p. 1-38, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3kMnqWX>. Acesso em: 2 maio 2020.
- WEGNER, U. *Exegese do Novo Testamento: manual de metodologia*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 1998.

